

Sobre a Universidade Católica

Simplex Reflexões Teológicas

Descrevendo a situação elitista do ensino universitário, Heron de Alencar, em comunicação à Assembléia Mundial de Educação (México, setembro de 1964), culpava a Igreja Católica de, através das instituições católicas de ensino superior, estar em conluio com as classes dirigentes brasileiras para manter a Universidade fechada às classes inferiores e dessa forma colaborar na contradição de querer formar os quadros dirigentes do país com mecanismos inadequados e incapazes de prepará-los corretamente.¹

Não era a primeira nem será a última crítica à Universidade Católica. Entretanto, parece-me ser a crítica mais arrasadora, enquanto lhe desmerece o próprio nome de “católica”, pois a universidade suposta por Heron de Alencar já nem sequer seria cristã. Senão vejamos em que deveria consistir a “catolicidade” de uma instituição de ensino superior. É o que me proponho perguntar nesta reflexão.

1. O QUE FAZ UMA UNIVERSIDADE SER CATÓLICA?

Um rápido lançar de olhos sobre as Universidades Católicas, tais como existem em nosso país — e quiçá no mundo — nos leva a uma primeira evidência: a Universidade Católica é uma Universidade

dirigida por padres (bispos ou freiras) ou, pelo menos, mantida por entidades da Igreja Católica (dioceses, ordens religiosas e organizações congêneres).

Essa primeira aproximação nos permite ir adiante e entrar no cerne da questão. A Igreja (ou instituições dentro da Igreja) vê na manutenção de Universidades um instrumento de apostolado. Em que residiria o "sentido apostólico" da Universidade? A presença da Igreja e, em seu nome, a presença de membros da respectiva instituição (diocese, ordem religiosa) no campo da pesquisa científica e do ensino em nível superior justificariam o esforço e dariam sentido pastoral à instituição.

Por detrás dessa justificativa muito corrente está o velho problema da desconfiança e até hostilidade com que a Igreja acolheu a ciência moderna em seu nascimento. A Igreja precisa agora ostentar sua reconciliação com o mundo científico moderno, incentivando as ciências, cultivando-as junto a seus próprios muros, tornando-se aceite e simpática no ambiente incrível dos cientistas. Além de poder influir diretamente com sua doutrina sobre as ciências humanas. Para tanto, pois, mantém instituições produtoras e transmissoras de ciência e põe religiosos, padres e até bispos à disposição seja do cultivo e transmissão das ciências, seja da direção de instituições de pesquisa e ensino em nível superior.

Trata-se, pois, de que a Igreja esteja presente no campo da pesquisa científica e do ensino superior. Aceitemos a legitimidade e necessidade dessa atuação, já como desagravo aos erros do passado.² Mas em que consiste essa presença? Consiste simplesmente em que padres se dediquem à pesquisa e alcancem mesmo renome internacional? Consiste simplesmente em que padres sejam professores, talvez competentíssimos, nos ramos mais complexos do saber humano e no mais alto nível? Consiste simples-

1. Cf. ALENCAR, Heron de. *A Universidade de Brasília. Projeto nacional da intelectualidade brasileira*. Em: RIBEIRO, Darcy. *A universidade necessária*. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra S. A., 1975, pp. 271-296; aqui: 276. A idéia para o presente artigo surgiu da leitura dessa obra de Darcy Ribeiro, como se poderá ver claramente adiante. Veja-se também: LEYENDECKER, Ernesto. *Universidad y dependencia*. Buenos Aires, Editora Guadalupe, 1974.

2. Cf. GS 36 e o sentido de desagravo com que foi introduzida a referência a Galileu Galilei na nota 7. Cf. THILS, Gustave. *L'activité humaine dans l'univers*. Em: CONGAR, Yves M.-J., e PEUCHMAURD, M. (dir.). *L'Eglise dans le monde de ce temps*. Paris, Ed. du Cerf, 1967, tomo II, pp. 279-303 (aqui: 292). Chama a atenção que a biografia de Galileu citada na nota 7 de GS 36 é o único livro moderno mencionado pelo Concílio (de resto, dos tempos recentes, só são citados documentos do magistério).

mente em que padres, religiosos e até bispos se onerem com a administração da Universidade? Consiste em que a pastoral universitária seja exercida livremente e conte mesmo com o apoio da direção? Consiste na possibilidade de selecionar professores católicos ou pelo menos cristãos? (Mas há tantos professores indiferentes e ateus lecionando em Universidades Católicas!)

Abstraindo de que a maioria das perguntas denuncia patente "clericalismo eclesiológico" (como se a Igreja fossem os "padres" e, portanto, a presença da Igreja fosse a presença de bispos, padres ou religiosos), todas as hipóteses levantadas para explicitar o que significa "presença da Igreja", quedam num extrinsecismo manifesto. A "Presença da Igreja" consistiria numa justaposição entre Universidade e Igreja, atividades científicas (acadêmicas, universitárias) e exercício dessas atividades por pessoas ligadas à Igreja. A mensagem cristã entra assim em contato com a Universidade via indireta, por mediação de pessoas que a aceitam ou a representam institucionalmente e depois vão agir na Universidade não enquanto cristãos, mas enquanto cientistas, técnicos, administradores... O adjetivo "católico" (cristão) é externo ao substantivo "Universidade" e significa simplesmente: Universidade mantida por católicos, ou por eles dirigida, ou onde de preferência católicos lecionam, ou mesmo onde também católicos podem lecionar...

Talvez de imediato se objete: não é possível de outra maneira! Quereríamos talvez que a "presença da Igreja" na pesquisa consistisse, por exemplo, em criar uma "física atômica católica ou cristã"? O absurdo é evidente. E não só por razões científicas. Também por razões teológicas. Tal "física atômica cristã" suporia a afirmação do monofisitismo, aquela velha heresia que explicava o divino e o humano em Cristo por uma *fusão* das duas naturezas.

Mas, se "física atômica cristã" (para ficarmos no exemplo) seria monofisitismo, a concepção extrinsecista de Universidade Católica não deixa de ter parentesco com outras antigas heresias. Ela evoca uma cristologia antes de tipo nestoriano do que calcedoniano, e uma concepção trinitária antes em moldes arianos que nicenos.

2. ARIANISMO E NESTORIANISMO NA CONCEPÇÃO DA UNIVERSIDADE CATÓLICA

Os dogmas, os velhos dogmas da Igreja Católica, não são simplesmente verdades teóricas — e quem sabe até metafísicas — completamente desprovidas de repercussão para a práxis cristã. O

cristianismo primeiramente é vida em seguimento de Cristo. Para saber como se segue a Cristo, é que tem importância a explicitação em categorias ontológicas de quem é Cristo (Cristologia) ou de quem é o Deus que se automanifesta em Cristo (Trindade). A formulação teórica dos dogmas não visa saciar nossa curiosidade intelectual. Ela quer ser norma de vida para os seguidores de Cristo. Assim, pode-se (e deve-se) medir pelos dogmas trinitário e cristológico a legitimidade dos modos de agir da Igreja, de sua pastoral.

Com a concepção extrinsecista de Universidade Católica, ao falar-se de uma "presença da Igreja" nos termos antes descritos, se revive o arianismo e o nestorianismo na vida prática da Igreja.

O problema de Ario era (pelo menos *também*) a encarnação.³ Deus, o *verdadeiro* Deus, transcendente, imutável, inacessível, não podia fazer-se homem. Só mesmo o Logos, sua primeira criatura. Primeira, sim; mas criatura. Deus permanecia, pois, absolutamente intangível. Não se imiscuia na história.

Posicionando-se frente a Ario, o Concílio de Nicéia não emitiu apenas um parecer metafísico. Disse algo sobre a autocomunicação de Deus aos homens e, portanto, sobre a resposta que o homem há de dar a Deus através de sua vida. Deus não recebeu entrar na história dos homens para que os homens não julgassem desrespeito ou aviltamento procurar a Deus na história (e não ao lado dela ou sobre ela).

A concepção extrinsecista de Universidade Católica está em paralelismo com o medo que impedia Ario de "permitir" que Deus tomasse parte na história dos homens. Para aquela concepção o testemunho cristão na Universidade *não* é algo de intrínseco à organização e aos fins da Universidade, *enquanto* Universidade, isto é, em sua atividade de pesquisa e educação.⁴ O extrinsecismo consiste exatamente em julgar que o testemunho cristão é só indireto: pela atuação dos padres (e cristãos?!) que pesquisam, educam, administram. Da mesma forma como o Deus de Ario só entrava na história indiretamente por sua primeira criatura, o Logos.

3. Cf. GRILLMEIER, Alois. *Christ in the Christian Tradition*. London — Oxford, Mowbrays, 1975, 2. edição, vol. I, pp. 245-248; cf. também 219-245. Cf. igualmente SEGUNDO, Juan Luis. *Teología abierta para el laico adulto* (Vol. III: *Nuestra idea de Dios*). Buenos Aires, Ed. Carlos Lohlé S. A., 1970, pp. 185-205.

4. *Enquanto* Universidade o adjetivo "católica" entra quando muito como norma negativa: os resultados da pesquisa deverão não colidir com a doutrina católica, o ensino será normado pela doutrina da Igreja, a administração se pautará pela moral católica...

Mas rejeitar como arianismo a mera justaposição de atividade universitária e testemunho cristão não é criar a confusão monofisita de uma “física atômica cristã”, por exemplo? Para sair dessa aporia, precisamos encarar a concepção extrinsecista de Universidade Católica a partir de outra perspectiva de conceber a encarnação: a concepção discutida aparenta-se também ao nestorianismo e deverá ser superada a partir do Concílio de Calcedônia.

Atribui-se a Nestório uma cristologia dicotômica que, para evitar o monofisitismo, separava entre o divino e o humano em Cristo.⁵ Sua teologia se cristalizou na negação da maternidade divina de Maria: ela era, sim, a mãe de Cristo, mas jamais poderia ser chamada de Mãe de Deus (theotókos). A encarnação significava assim uma justaposição de Deus e homem. Com o que se evitava a mistura (monofisitismo), mas se acabava por negar a encarnação.

Ser cristão é viver a encarnação. Ora, ver a “presença da Igreja na pesquisa científica e no ensino superior” simplesmente como justaposição de atividade científica (docente, administrativa...) e atuação cristã, é conceber a encarnação nestorianamente.

Mas é possível outra concepção, não sendo a confusão monofisita de uma “pesquisa científica cristã”? Creio que sim, se seguimos a superação ortodoxa de Nestório, tal como foi formulada no Concílio de Calcedônia.⁶ Este Concílio definiu a relação do humano e do divino em Cristo com quatro advérbios gregos, que poderiam ser traduzidos por “sem mistura, sem mudança, sem separação, sem divisão” (cf. DS 302).

A partir daqui é possível pensar o adjetivo “católico” (cristão) dado a uma Universidade, sem que se confunda entre ciência e religião, mas também sem que se separem ambas as coisas de tal forma que constituam compartimentos estanques. Entre o extremo da dicotomia nestoriana e o outro extremo da fusão monofisita, o dogma de Calcedônia dá a chave para unir sem fundir, porque permite estabelecer o *homem* como mediação entre o divino e o humano e desta forma supera também o temoi ariano de um Deus que tome parte na história dos homens.

5. Não interessa aqui a questão histórica de saber se Nestório realmente foi “nestoriano” ou não, ou a questão ecumênica de se as “igrejas nestorianas” hoje são realmente heterodoxas: cf. GRILLMEIER, ob. cit., pp. 443-472 e 501-519.

6. Embora tenha sido o Concílio de Éfeso que se dirigiu contra Nestório, só o de Calcedônia deu uma resposta cabal à problemática. A resposta de Cirilo de Alexandria, canonizada em Éfeso, baseava-se nas falsificações apolinaristas e era em si altamente ambígua: cf. GRILLMEIER, ob. cit., pp. 473-487. Só a partir da fórmula de Calcedônia foi possível conter o nestorianismo e o monofisitismo: cf. *ibid.*, pp. 541-554.

3. TOMAR A SÉRIO A ENCARNAÇÃO

A concepção extrinsecista de Universidade Católica é na realidade uma negação da encarnação: separa cristianismo e pesquisa/ensino (como o nestorianismo separa o homem e Deus em Cristo) e não admite um cristianismo que *assuma* realmente desde dentro a pesquisa/ensino (como o arianismo não aceita Deus na história). Assim sendo, a concepção válida de Universidade Católica deverá tomar a sério a encarnação.

Para sabermos o que é encarnação em termos de Universidade, cumpre antes perguntar o que é Universidade, qual sua função em geral e, especificamente, qual sua função num país como o Brasil, cujo desenvolvimento se configura em termos de capitalismo periférico dependente.

3.1 *Função da Universidade num país dependente*

A Universidade define-se por suas funções: "herdar e cultivar, fielmente, os padrões internacionais da ciência e da pesquisa, apropriando-se do patrimônio do saber humano; capacitar-se para aplicar tal saber ao conhecimento da sociedade nacional e à superação de seus problemas; crescer conforme um plano, para formar seus próprios quadros docentes e de pesquisa e para preparar uma força de trabalho nacional da grandeza e do grau de qualificação indispensável ao progresso autônomo do país; atuar como o motor de transformação que permite à sociedade nacional integrar-se à civilização emergente".⁷

Quando essa Universidade se situa no contexto de um país periférico, dependente de outros, parco em recursos, financeiros e humanos, a tentação da Universidade consistirá numa falsa resignação que a tornará simples arremedo da Universidade dos países "centrais". Renunciando a cultivar a ciência e a pesquisa, limitar-se-á a consumir a recebida dos países do centro. Recebendo o saber já pronto e elaborado, não o poderá aplicar aos verdadeiros problemas nacionais e a sua superação, porque tal ciência responde a uma situação totalmente diversa. Ou a aplicação aos problemas nacionais será direcionada a soluções que mantenham a dependência do país. Condenada a reproduzir o que lhe vem de fora, a Universidade não estará capacitada a constituir quadros docentes e de pesquisa autônomos nem a formá-los no grau de qualificação indispensável. Conseqüentemente estará também mar-

7. RIBEIRO, ob. cit., pp. 171-172.

cando passo, a anos-luz de distância da civilização emergente, e contribuindo para a perpetuação do atraso do país.

Ora, “a mais alta responsabilidade da Universidade consiste” justamente “no exercício das funções de órgão de criatividade cultural e científica, e de conscientização crítica da sociedade”.⁸ Compete, pois, — pelo menos *também* — à Universidade de um país do Terceiro Mundo, começar a quebra do círculo vicioso da dependência. Como fazê-lo?

A situação de dependência não é simplesmente produzida desde fora pelo país-metrópole. Ela é induzida a partir de dentro pela classe dirigente do país que encontra vantagem na perpetuação do “status quo”. Assim sendo, o soerguimento autônomo da nação se dará com a criação de uma nova sociedade, onde haja chances para todos na medida de suas capacidades e da contribuição que pode oferecer ao bem comum, e não na dependência de sua origem social.

A Universidade contribuirá, pois, para o surgimento da nova ordem social, segundo for aberta não só a uma elite econômica e na medida em que pesquisar e formar em vista de uma sociedade justa. Isso significa uma função política da Universidade, já que ela visará ajudar a implantação de uma nova ordem social.

Frente a essa função política da Universidade imediatamente se aduzirá a neutralidade política própria à ciência e, portanto, à pesquisa e à transmissão do saber. Mas aqui cabe reconhecer que tal apoliticidade é inexistente. Pelo simples fato de querer ser apolítica, desvinculada dos interesses e das necessidades da região ou país em que se localiza, a pesquisa científica estará colaborando acriticamente com a situação dominante (no caso de nosso país: com a injustiça interna e a subordinação externa). O trabalho na Universidade não poderá ser politicamente neutro, sob pena de ser ingenuamente politizado. Não se trata, pois, de despolitizar a Universidade, mas de *contrapolitizá-la*, para que sirva aos interesses da maioria, como observa Darcy Ribeiro, retomando uma expressão de Marcuse.⁹

3.2 *A Universidade Católica num país dependente*

Assim se configura a função da Universidade num país dependente. A pergunta que se levanta agora, é: Que tem tudo isto a ver com a Universidade Católica, *enquanto* católica (e, por-

8. *Ibid.*, p. 241.

9. *Cf. ibid.*, p. 266; *cf. também* p. 23 (referência a Marcuse).

tanto, cristã)? Onde entra aqui a encarnação que deveria ser o típico da Universidade Católica? Exatamente em realizar aquilo que deve ser *toda e qualquer* Universidade (em nosso caso: toda e qualquer Universidade num país periférico e dependente).

Em que se manifesta a encarnação, se a unidade do humano e do divino se deve realizar "sem mistura, sem mudança, sem separação, sem divisão"? Em que o divino resplandeça no humano. Em que o humano seja realizado em tal plenitude que se deva reconhecer que ali o humano é divinamente realizado.¹⁰ Em termos de Universidade, a encarnação tomada a sério significará que a Universidade será tanto mais digna do adjetivo "católica" quanto melhor realizar o ideal da Universidade na situação concreta do país em que se acha. E deveria desistir de chamar-se "católica", enquanto não pretendesse seriamente realizá-lo.

A mesma conclusão se poderia chegar, considerando a problemática da encarnação de outro ponto de vista. O dogma da encarnação traduz-se praticamente na unidade de amor de Deus e amor ao próximo. Se o Filho de Deus se fez um de nós, cada homem é imagem do que Deus se torna, quando se automanifesta à criatura. Quem não é capaz de amar o homem por aquilo que ele é, não seria capaz de amar ao Deus que se lhe apresentasse como homem.¹¹

Ora, hoje mais do que nunca, o amor ao próximo não se pode manifestar verdadeiramente numa dimensão puramente individual. Realizar a Universidade ideal é uma maneira concreta e necessária de amor ao próximo e exatamente ao mais necessitado, a que a Universidade ideal visa dar voz e vez.

Ainda ao mesmo resultado nos conduz uma cristologia que parta do Jesus histórico e de sua atuação concreta como revelação definitiva de Deus, confirmada na sua ressurreição. Jesus acolheu os pobres, pecadores, leprosos, prostitutas, publicanos... fê-los tomar consciência de seu valor como pessoas humanas e filhos de Deus, reintegrou-os no convívio social. Esse amor de predileção aos pequeninos, com que Jesus tornou presente o amor do Pai,

10. Cf. o princípio posto em voga por Karl Rahner: RAHNER, Karl. *Zur Theologie der Menschwerdung*. Em: RAHNER Karl. *Schriften zur Theologie IV*. Einsiedeln — Zürich — Köln, Benziger Verlag, 1964, 4.ª edição, pp. 137-155. "A encarnação de Deus é, pois, o caso supremo e único da realização essencial (*Wesensvollzug*) da realidade humana" (p. 142). "Quando Deus quer ser não-deus, origina-se o homem." (p. 150).

11. Cf. RAHNER, Karl. *Über die Einheit von Nächsten — und Gottesliebe*. Em: RAHNER, Karl. *Schriften zur Theologie VI*. Einsiedeln — Zürich — Köln, Benziger Verlag, 1965, pp. 277-298.

a Ressurreição confirmou-o como derradeira e definitiva automanifestação de Deus. Seguir a Jesus nesse seu caminho é viver a vida divina. É cristianismo. Hoje esse modo de viver manifesto na encarnação só poderá ser realizado em termos de transformação das estruturas, para que os marginalizados adquiram os direitos plenos que as estruturas sociais atuais lhes recusam. Nessa transformação a Universidade terá um papel de relevo.

Como será, pois, a Universidade Católica que tome a sério a encarnação? Ela não terá supletoriamente, além da intenção de ser Universidade, ainda uma outra acrescida, como espécie de segundo andar. Senão que será animada em *todas* as suas atividades pela preocupação de colaborar na implantação de uma ordem social justa e de assim realizar o ideal da Universidade num país periférico e dependente.

Essa dimensão — que não é um acréscimo extrínseco — estará presente na pesquisa científica, se o critério de escolha dos temas de pesquisa forem, na área das ciências humanas, os problemas nacionais, e na área das ciências exatas, temas que contribuam para o progresso autônomo do país. Essa dimensão estará presente, se a Universidade visar uma formação dos estudantes aberta aos grandes problemas nacionais. Se os cursos ministrados não instrumentalizarem os estudantes para uma atuação mantenedora do “status quo”. Se não visarem formar engenheiros que operem uma tecnologia importada posta a serviço do enriquecimento empresarial, indiferente aos problemas nacionais e sociais. Ou se os nutricionistas não se instrumentalizarem para a supervisão das cozinhas de hotéis de classe A, em vez de serem preparados para educar os marginalizados de nossas grandes cidades para que comam racionalmente dentro de seus parcos recursos. Ou se os arquitetos não forem capacitados unicamente para construir as mais belas mansões, em vez de direcionarem seus estudos para a confirmação humana dos bairros pobres que surgem sem planejamento ou com planejamento deficiente. Ou se os professores de segundo grau não forem preparados para serem meros transmissores de conhecimentos abstratos — ou só para subirem mais um degrau no “plano de carreira” — mas para levarem seus alunos a uma consciência frente à realidade em que vivem. Ou se os comunicadores sociais não forem meros técnicos para produção e transmissão perfeita de programas alienados e alienantes, mas veiculadores de verdadeira educação das massas. Ou se os médicos não se formarem com técnicas que só lhes possibilitem cuidar esmeradamente da saúde das camadas superiores, mas forem preparados e motivados para prestar assistência às grandes massas. Se os veterinários não se instrumentalizarem

tanto para o tratamento dos cachorrinhos das "madames", quanto para melhorarem a pecuária do campesino sem grandes recursos. Etc. Etc. Etc. Enfim a Universidade será "católica" na medida em que seus egressos se aplicarem à promoção do homem todo e de todos os homens.

Objetar-se-á: esse é problema da consciência moral e política de cada um, que a Universidade não poderá violentar ou forçar. A Universidade apenas lhes entrega os instrumentos. O "uso" que farão deles, está além das possibilidades da Universidade.

A objeção procede. Mas não totalmente. A própria Universidade pode previamente selecionar seus alunos pela simples elaboração de currículos tais que os instrumentalizem antes para um serviço aos menos favorecido do que para a colaboração na opressão. E pode mentalizá-los nesse sentido.

Entretanto, a encarnação não tocará apenas a pesquisa e o ensino. Também a administração. A Universidade Católica será realmente "presença da Igreja" na medida em que a administração universitária tenha em mira prioritariamente tudo quanto foi dito. Essa presença se verificará na medida em que a direção visar por todos os meios facilitar o ingresso na Universidade de pessoas de capacidade intelectual, provenientes de classes desfavorecidas, propiciando não apenas gratuidade de ensino, mas até mesmo bolsas de sustento para os melhores talentos. A direção da Universidade Católica estará dando dimensão apostólica a seu exercício, na medida em que promover as vocações de pesquisadores de alto nível, nas diversas áreas do saber, pesquisadores que hão de operar como multiplicadores do saber para o progresso autônomo do país. Na medida em que aumentar ao máximo o número de professores que se dediquem em tempo integral à pesquisa. Na medida em que incentivar a extensão universitária para atualização dos egressos da Universidade e mesmo dos que nunca frequentaram Universidade. Na medida em que der liberdade de expressão aos estudantes. Etc. Etc.

A Universidade Católica merecerá seu nome, segundo o grau em que se aproxime dessa utopia.

Os homens práticos de nossas Universidades Católicas talvez me objetem com a impossibilidade de realizar esse programa de encarnação, quando a Universidade depende em sua existência e sustento das (elevadas) anuidades pagas pelos estudantes, da ajuda de organizações estrangeiras criadas por aqueles países que têm vantagem na manutenção do "status quo", dos subsídios de um governo que mantém a Universidade sob a tutela de um 477 e de outros instrumentos de repressão...

A objeção é válida. Mas, quem sabe, as conseqüências deveriam ser outras? Ou reconhecer que não é possível Universidade Católica num país periférico e dependente. Ou — dada sua importância apostólica — lançar mão dos bens da Igreja para manter uma ou duas verdadeiramente à altura do adjetivo "católica" que lhe atribuímos. Em todo o caso, impõe-se optar pela encarnação no ambiente, tendo em vista superar a situação de injustiça e dependência.

O problema todo está em que dissociamos doutrina e vida cristã. Não basta uma ortodoxia verbal. Como não bastaria a Nestório *dizer* que, apesar de tudo, aceitava a encarnação, se sua concepção primeira o desmentia. Nem bastava a Ario querer convencer seus confrades de que, sendo a primeira criatura, o Logos ainda pertencia à esfera divina e, portanto, Deus assumia a história. É preciso que a encarnação seja admitida na originariedade do primeiro ato e não posterior e secundariamente.

O problema da Universidade Católica não é simplesmente pedagógico, administrativo ou quejando. Ele é um problema teológico. E nossa prática lamentavelmente não corresponde muito à ortodoxia. Não é ortopraxis. Porque a ortopraxis vai contra os valores vigentes e idolatrados de nossa sociedade. Tal como a ortopraxis de Cristo não era bem vista pelo sistema então dominante. E isso o levou à morte. Querer realizar em nosso ambiente a Universidade Católica, a genuína, parecerá loucura, suicídio, imprudência. Mas encarnação é repto e não acomodação. Por isso Cristo foi morto, indicando qual o caminho para a Ressurreição...